

Gabriel de Ávila Othero, Eduardo Kenedy.
Sintaxe, Sintaxes, uma introdução
São Paulo: Editora Contexto. 2015, 221 p.
ISBN 978-85-7244-915-1

Ana Maria Brito
abrito@letras.up.pt
Faculdade de Letras da Universidade do Porto,
Centro de Linguística da Universidade do Porto

Os estudos gramaticais no Brasil têm uma longa tradição, tendo sido publicados durante todo o século XX vários trabalhos que demonstram o interesse em compreender o funcionamento da língua portuguesa em vários aspetos, em particular o sintático. Com o advento da Gramática Generativa, e sobretudo nos anos setenta e oitenta do século XX, a área da sintaxe teve um grande desenvolvimento e são inúmeras as publicações, sob a forma de livros, monografias e revistas, que se dedicam ao estudo dos fenómenos sintáticos, quer os de carácter mais geral quer os que se dedicam à variante brasileira do português. Contudo, fazia falta um livro do tipo de *Sintaxe, Sintaxes, uma introdução*, de 2015.

O livro foi organizado por dois linguistas, relativamente jovens, quando comparados com a primeira geração de linguistas formados no quadro generativo. Trata-se de Gabriel de Ávila Othero, professor adjunto do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Eduardo Kenedy, professor do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense, e o seu intuito não é fazer uma introdução à sintaxe, à maneira de muitos outros livros já existentes no Brasil, mas antes, como é escrito pelos seus organizadores, reunir “as principais abordagens que se vêm mostrando influentes e produtivas nos estudos de sintaxe desenvolvidos no Brasil nas últimas décadas” (p. 10). Como frisa no Prefácio Jairo Nunes, reconhecido sintaticista da

Universidade de S. Paulo, “o aluno de Letras e Linguística ou qualquer outra pessoa interessada em sintaxe vai encontrar nestas páginas (...) uma apresentação bastante clara das mais representativas abordagens sintáticas da atualidade.” (p. 8).

Basta olhar para o índice da obra para se perceber que ela percorre, em onze capítulos escritos por especialistas, não só diferentes teorias sintáticas como diferentes aplicações dessas teorias e mesmo perspectivas tradicionais. O intuito de confronto entre diferentes abordagens é muito claro ao verificarmos que os capítulos obedecem todos à mesma organização: *O que é a Sintaxe X? O que a Sintaxe X estuda? Como estudar um desses fenómenos usando a Sintaxe X? Poderia me dar um exemplo? Quais são as principais linhas de investigação? Notas e O que eu poderia ler para saber mais?*

Esta organização e o facto de todos os capítulos serem curtos (entre 15 a 20 páginas) e não muito técnicos torna o livro de leitura agradável, embora se pressuponha o conhecimento prévio dos conceitos básicos na área.

Sendo a sintaxe a área da Linguística que estuda as condições a que obedece a combinação de palavras, há muitas maneiras de analisar essas condições e de as relacionar com outras áreas de funcionamento das línguas. Quais devem ser os primitivos teóricos com que a sintaxe deve trabalhar, categorias (nucleares e sintagmáticas) ou relações gramaticais (em particular as funções sintáticas)? Em que medida a forma das combinações é dependente do significado lexical das palavras que as compõem? Em que medida a sintaxe de cada língua é única ou marcada por princípios universais? Quais são os métodos a usar em sintaxe (a intuição dos linguistas, experiências de produção e compreensão, a análise de grandes *corpora*)? Será possível estabelecer comparações entre a aquisição do conhecimento sintático por um ser humano e o modo como um computador “aprende” a construir frases? Qual a relação entre teorias e descrição das línguas? O que deve a sintaxe dos séculos XX e XXI à tradição gramatical brasileira? E que atitude deve a escola tomar perante inovações e desvios sintáticos?

São a estas e a muitas outras perguntas que os capítulos deste livro procuram dar resposta. Vale a pena, por isso, acompanhar passo a passo os onze capítulos deste livro.

O capítulo *Sintaxe Generativa*, de Eduardo Kenedy, faz um balanço da investigação produzida nesta escola desde os anos 50 do século XX até ao advento do Minimalismo. Não é por acaso que este é o primeiro capítulo deste livro. Como se sabe, o programa de investigação iniciado por Noam Chomsky nos anos 50 teve uma repercussão enorme nos estudos linguísticos e sintáticos em particular, pela metodologia proposta e sobretudo pelos objetivos. Este programa tem um objetivo ambicioso, o de compreender o caráter generativo da linguagem humana e o de explicar como, a partir do conhecimento do léxico e de um conjunto finito de regras, a gramática, o ser humano é capaz de produzir um número ilimitado de frases. O capítulo em causa mostra o funcionamento da Teoria de Princípios e Parâmetros, ilustrando-a com alguns fenómenos, como a elevação de sujeito, e como certos princípios formais e abstratos, como o Filtro do Caso, são capazes de explicar a boa formação de *Maria parece gostar de sintaxe* e a má formação de **Parece Maria gostar de sintaxe* e de outras frases como **Os alunos parece estar cansados*, **Os alunos parece estarem cansados* ou **Os alunos parecem estarem cansados*. (pp. 18-22). O capítulo mostra como a Teoria de Princípios e Parâmetros permitiu não só a análise de muitas línguas até aí pouco estudadas como desencadeou investigação sobre aquisição, mudança, comparação entre línguas, processamento, entre outros aspetos (p. 24).

O capítulo *Sintaxe Minimalista*, de Maximiliano Guimarães, mostra como a Teoria de Princípios e Parâmetros, descrita no capítulo anterior, embora tenha constituído um enorme avanço no entendimento acerca da natureza da sintaxe, talvez trabalhe com conceitos teóricos “a mais”; entre outros, os conceitos de estrutura profunda, de estrutura de superfície e de vestígio podem ser dispensados (pp. 37-40). Uma das propostas mais interessantes é a de movimento por cópia, capaz de explicar, por exemplo, construções em Alemão não padrão como *Wen glaubt Hans wen Jakob gesehen hat?* (lit. quem pensa Hans quem Jakob visto teve), e que significa *Quem Hans pensa que Jakob viu?* Ou o fenómeno de reconstrução, ilustrado em *Quais fotos de si mesma Isabel escolheu?* em que a anáfora está acima e à esquerda do seu antecedente (p. 40). Um das vezes a cópia mais baixa é elidida (‘elidir’ passa a ser aplicada no mapeamento entre sintaxe e FF), outras vezes a cópia mais baixa é a soletrada. Embora o

Programa Minimalista admita modelos alternativos quanto à arquitetura da gramática, continua a defender uma perspectiva lexicalista, colocando um grande foco nas interfaces, como nos dá conta o texto em análise.

No capítulo *Sintaxe Experimental*, Marcus Maia mostra como uma tal perspectiva não é uma teoria, mas a aplicação experimental de teorias, demarcando-se apenas pela metodologia. Com efeito, em vez de se basear exclusivamente na intuição do falante, muitas vezes a do próprio linguista, a Sintaxe Experimental defende a importância de construir experimentos, desde há muito usados em Psicolinguística. O capítulo é ilustrado com a apresentação de uma tarefa de leitura e compreensão de interrogativas com e sem uma categoria preenchida (*Que livro o professor escreveu a tese sem ler antes? Que livro o professor escreveu sem ler a tese antes?*), conduzida no Lapex da UFRJ, e com a apresentação dos resultados e sua discussão. Como escreve Maia, no final do capítulo, “pensar experimentalmente uma questão sintática (...) acaba produzindo um efeito extremamente benéfico para o próprio pensar teórico, que ganha, assim, em critério e rigor científico.” (p. 62)

Em *Sintaxe em Teoria da Otimidade*, Gabriel de Ávila Othero mostra como um modelo muito produtivo em Fonologia foi aplicado na década de noventa do século XX a algumas questões sintáticas. A teoria enquadra-se na Gramática Generativa, demarcando-se da Teoria de Princípios e Parâmetros pela ideia de que a gramática é “um instrumento de resolução de conflitos entre diferentes princípios ou “regras” gramaticais.” (p. 73). Othero ilustra o capítulo com um fenómeno do PB que relaciona estrutura sintática e estrutura informacional, as interrogativas Q. Como resposta a uma pergunta como *Que língua o João fala bem?* com foco sobre o complemento, a melhor resposta é *Ele fala bem inglês* (que não obedece à ordem esperada V-Objeto-Adjunto dentro do SV, mas que respeita a estrutura informacional) e não ?? *Ele fala inglês bem*, que obedece a tal padrão mas que não respeita a estrutura informacional. O autor conclui então que [a] “organização informacional é mais importante e, por isso, mais alta no ranqueamento do que [a] organização sintática em PB.”(p. 79)

Em *Sintaxe Tipológica*, Rosanna C. de Oliveira apresenta alguns desenvolvimentos surgidos com base nos trabalhos de Greenberg,

Comrie e outros, que estudam padrões e tipos de línguas a partir de propriedades estruturais com o objetivo de propor generalizações. Uma das mais conhecidas é a que consiste em relacionar ordem de palavras, em particular os padrões V O e O V, com outros fenómenos: por exemplo, se uma língua é O V ela terá posposições, se uma língua é V O ela terá preposições, entre outras propriedades (p. 91). A autora tem consciência de que certas correlações entre propriedades não se verificam como o esperado, mas acentua que a pesquisa tipológica teve o grande mérito de alargar a análise a línguas pouco estudadas, como é o caso das línguas indígenas no Brasil.

Em *Sintaxe Lexical*, Luiz Amaral mostra como no Brasil se têm desenvolvido várias teorias que colocam grande ênfase no Léxico, afastando-se do tratamento derivacional de certos fenómenos e pondo o foco não só no significado lexical como também na estrutura argumental de verbos e das categorias predicativas em geral. Uma das críticas colocadas pelo autor aos tratamentos derivacionais é a sua incapacidade de dar conta da sintaxe de línguas com ordem de palavras livre ou relativamente livre, como é o caso do Latim (pp. 118-119). Segundo o autor, essa liberdade obriga a considerar a existência de categorias funcionais suplementares na estrutura sintática. Não creio que o autor do capítulo tenha absolutamente razão ao preferir os tratamentos lexicalistas em detrimento dos tratamentos derivacionais, pois, nos últimos anos, no quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros e do Programa Minimalista, têm surgido propostas muito interessantes para dar conta dessa relativa liberdade de ordem, não tendo de passar forçosamente pela perspetiva cartográfica sugerida no capítulo.

No capítulo *Sintaxe Computacional*, Ronaldo Martins faz o estado da arte em relação a esta área da Linguística Computacional, que se ocupa “do processamento sintático das línguas humanas, ou seja, da elaboração, implementação e avaliação de modelos computacionais que permitam à máquina operar com fenómenos como as relações de distribuição (ordem e posição, por exemplo) e de dependência (concordância e regência, entre outros) entre as palavras” de uma frase. (pp. 123-4) Trata-se de um capítulo muito interessante, que mostra a evolução operada nos estudos de sintaxe computacional e em que

se pode destacar: o início da Gramática Generativa-Transformacional dos anos 50 e 60 e a influência que tal teoria teve nos primeiros trabalhos de Linguística Computacional; a pouca repercussão da Teoria de Princípios e Parâmetros dos anos 80 sobre os sistemas automáticos de processamento automático das línguas naturais; a revisão radical dos objetivos da área a partir dos anos 80 e 90 com, por um lado, o advento das teorias lexicalistas e, por outro lado, a popularidade dos computadores pessoais e o menor interesse em modelos de tradução automática; finalmente, a revolução operada nos anos 2000 com o surgimento de grandes *corpora* de língua acessíveis pela internet e o aparecimento de grandes *corpora* de árvores sintáticas (*tree banks*). O texto mostra como, no momento atual, o grande desafio não é o de construir uma gramática para a máquina mas “dotar a máquina de um algoritmo de aprendizagem que possa operar generalizações a partir de estímulos linguísticos.” (p. 128)

Em *Sintaxe Funcional*, Ivo Rosário mostra como no Brasil, decorrente de um certo desencanto em relação às teorias formalistas, se desenvolveram várias perspectivas funcionalistas, influenciadas pelos trabalhos de Givón. Tais perspectivas podem caracterizar-se por várias ideias, de que se deve destacar uma relação forte entre Discurso e Sintaxe e um interesse pelos estudos de gramaticalização, em particular, pelos mecanismos que levam ao surgimento de conectores, dos quais os conectores correlativos, estudados com detalhe pelo autor, são um exemplo.

Em *Sintaxe Construcionista*, Diogo Pinheiro apresenta um largo campo de pesquisa que surgiu nos anos 80 do século XX como alternativa à Gramática Generativa. Uma das concepções centrais é a de que palavras e expressões idiomáticas são, tal como as frases simples e complexas, construções, num *continuum* de complexidade estrutural e em que a distinção entre léxico e sintaxe não faz mais sentido. A crítica ao tratamento derivacional de certos fenómenos é um dos pontos centrais desta teoria, assim como a ideia de que certos factos sintáticos são mais bem compreendidos quando relacionados com a Semântica e a Pragmática (p. 178).

Em *Sintaxe Descritiva*, Mário Perini mostra bem que aqui não se trata de uma teoria, mas de uma perspectiva descritiva de estudar os fenómenos

sintáticos. Como o próprio autor reconhece, as abordagens descritivas estão constantemente num impasse, pois, querendo ser neutras, têm que ter em conta as teorias (p. 186). Como se percebe pela apresentação de certas análises, Perini e outros autores brasileiros que cita adotam uma perspectiva abertamente funcionalista, em que funções sintáticas e funções semânticas se entrelaçam.

No capítulo final, *Sintaxe Tradicional*, José Carlos de Azeredo está sobretudo preocupado com a posição que a escola deve tomar quanto ao ensino da gramática de português. Se o livro tivesse tomado uma perspectiva histórica dos estudos sintáticos no Brasil este poderia ter sido o seu capítulo introdutório. Mas tornei claro desde o início que os organizadores não querem fazer uma história da sintaxe no Brasil, mas sim mostrar como coexistem no país diversas abordagens teóricas principalmente no século XXI. E não há dúvida de que subsiste ainda hoje no Brasil uma perspectiva tradicional. Porém, a chamada gramática tradicional não representa nenhuma teoria mas antes uma postura normativa sobre a língua, usando noções funcionais e outras, aliás muito heterogêneas, transmitidas pelos primeiros gramáticos e que continuam a marcar muitas publicações de caráter pedagógico.

A síntese que acabo de fazer evidencia que estamos na presença de um livro inovador, de leitura muito estimulante, e que dá uma ideia muito clara da produção sintática no Brasil. As diferentes teorias e abordagens são descritas de forma rigorosa e ilustrada com fenómenos, permitindo ao leitor ter uma visão do alcance e dos limites de cada uma. As bibliografias finais privilegiam livros e não teses e artigos em revistas, permitindo ao leitor interessado saber mais sobre cada uma das perspectivas. Por vezes, o livro deixa de fora a referência a muitos trabalhos que projetaram sintaticistas mais velhos e consagrados, que acabam por ficar um pouco esquecidos. Por outro lado, há bibliografias desiguais, como a apresentada por Perini, que apresenta uma lista de obras que está longe da coerência das outras bibliografias em final de capítulo.

À exceção da obra de João Costa, linguista português da Universidade Nova de Lisboa, não há nenhuma referência a obras de linguistas portugueses das Universidades de Lisboa, Porto e Minho; não sendo esse

o objetivo do livro, é pena que tal aconteça, pois, nas últimas décadas, é notória a colaboração e o diálogo entre Portugal e o Brasil no âmbito da investigação em sintaxe.

Por todas razões apontadas recomendo vivamente a leitura deste livro a todos os que estudam ou trabalham nesta área do saber.